

HONESTIDADE

Queixa-se o cronista Aluizio Accioly de que comeu um badejete em restaurante de luxo — e por isso passou alguns dias de cama. A mim aconteceu encontrar, à porta de um restaurante italiano, um amigo que tem fama de bom comedor — e lhe indicar a linguça à calabresa da casa. Não perdi o amigo, mas não acredito se me disserem que ele não guarda um certo ressentimento de mim: ficou doente, da maneira mais odiosa e lamentável, durante dois dias.

Há tempos havia uns "comandos", que entravam pela cozinha e dispensa dos restaurantes, e descobriam, em alguns dos mais bem apresentados, as piores porcarias. Esses "comandos" acabaram, e a fiscalização que hoje existe é fraquíssima, ou nula. A higiene caiu de moda. Porque tudo, em nossa administração, é questão de moda. Agora vai começar a moda dos tribunais populares, que passará, como passou a moda das estradas de rodagem, a moda do combate ao câncer, a moda da alfabetização, a moda do carvão, etc. Um sujeito que leva uns meses fora do Brasil, e deixa o povo, a imprensa e as autoridades preocupadas, por exemplo, com as migrações internas, pode ser olhado com estranheza; na volta, se pergunta o que se fez afinal, para resolver aquele problema.

— "Que problema? Aquêlê negócio de "pau-de-arara"? Ah, caiu da moda..."

Mesmo fora da moda, os problemas continuam; mas a gente se esquece deles, como um sujeito com dor de dentes se esquece de um dedo machucado.

Mas se estou falando em modas e se falei em tribunais populares contra os exploradores da economia popular é para contar o que aconteceu, com uma senhora minha amiga, em uma casa da esquina de Ouvidor com Avenida. Não vejo inconveniente em lhe fazer uma pequena publicidade gratuita, pois a casa é muito conhecida; trata-se da "Imperial". E nesta história, a julgar pelo que afirma o próprio gerente, não há nada de estranhável: está tudo perfeitamente legal. Foi o caso que a tal senhora comprou um vestidinho simples e bonito, por uns 600 cruzeiros. Na hora da compra perguntou à moça vendedora se o vestido não encolhia nem desbotava. "Não senhora, é garantido". E da primeira vez que foi lavado o vestidinho, se transformou em um trapo irreconectível.

Minha amiga pegou aquilo, foi à casa e reclamou do gerente. Ele lhe fez saber que a "Imperial" se responsabiliza pela confecção, mas não pela qualidade do tecido.

— Mas a vendedora me disse...

O gerente quis saber qual tinha sido a vendedora, mandou chamá-la e a repreendeu com a maior brutalidade diante da iringueza. Como esta estranhasse, ouviu também alguns berros do homem — e ficou tão intimidada que achou melhor sair precipitadamente, deixando lá o ex-vestido.

Ouvindo essa história, ponderei a minha amiga que ela fez mal em reclamar. A casa é honesta — como disse, aos gritos, o gerente. O que é difícil compreender é a sua maneira subtil de ser honesta. Digamos assim: a casa é honesta na forma (ou feitio), mas não na substância (ou tecido). O que nos leva a elocubrações filosóficas e artísticas que prefiro deixar aos senhores Canabrava, Mário Pedrosa, etc., que se metem prazenteiramente nessas funduras.

26/3/52

R. B.